PARA CHEGAR à casa dos meus avós maternos, seguimos rio acima. Dava para vê-lo de qualquer estrada por onde passávamos. E como sempre vínhamos no verão, o sol brilhava na superfície da água e refletia direto nos meus olhos. De alguma forma, eu esquecia disso todo ano.

Era o mesmo rio de sempre, mas a água estava sempre mudando, como o próprio fluxo do tempo. *Talvez eu tenha crescido um pouco*, pensei, com o queixo apoiado na mão.

Viajamos do interior seco para o *fim* do mundo, onde tudo tinha um cheiro fresco e terroso. Ainda estávamos na mesma província, mas já não parecia em nada com nossa casa. Passamos por uma grande ponte em espiral e seguimos o rio mais um pouco. Então, quando as construções começaram a parecer antigas e as cores opacas das montanhas tomaram conta da paisagem, cruzamos mais uma ponte minúscula e chegamos à casa da vovó e do vovô.

A entrada da casa era desproporcionalmente enorme — talvez maior que a própria casa. No solo mal drenado, dava para ver uma depressão no centro com uma poça turva, provavelmente de água da chuva. Não havia árvores por perto, e ainda assim, logo que saímos do carro, o canto estridente das cigarras vinha de todas as direções. *Um som ambiente agradável.*

Entre a entrada e a casa, havia uma fina camada de vegetação já muito crescida, formando uma barreira natural. Na verdade, estávamos nos fundos da casa. Caminhar até a porta da frente era um incômodo, então a maioria dos parentes usava a entrada dos fundos. No meio do caminho, um canil de telhado encardido ficava vazio, abandonado. Olhei para dentro por curiosidade, mas tudo o que restava era um cobertor dobrado. Segui em frente.

Enquanto atravessava o solo seco, o calor e o cheiro da terra subiam no ar. Esse aroma queimado sempre me dava a sensação de estar de volta ao lar. Minha visão começou a ficar embaçada, como se eu estivesse debaixo d’água… ou talvez fosse só o calor do verão me afetando.

Se ele tivesse morrido, eu já saberia, então ele ainda está vivo, certo? Lembrei de como ele parecia velho e frágil no ano passado enquanto seguia meus pais para dentro pela porta dos fundos. Assim que cruzamos a soleira, uma lufada de ar fresco nos envolveu.

"Chegueeei!" minha mãe chamou animada.

"Entrem, entrem," veio a resposta imediata. "O vovô está na casa do vizinho, mas já volta."

Lá dentro, fomos recebidos pela minha avó e pelo residente de quatro patas da casa, deitado no chão. Assim que nos vimos, levantamos a cabeça ao mesmo tempo.

"Gon!"

Passei correndo pela minha mãe, chamando o nome dele. Era um cachorro velho, com dentes faltando, audição ruim e catarata no olho esquerdo, mas abanava o rabo como se estivesse bem. Quando me abaixei, ele se levantou e se jogou sobre mim, apoiando a cabeça no meu ombro. Passei a mão por sua espinha ossuda, saudando-o. Só nos víamos durante o Festival de Bon, então essa era nossa reunião anual. Enterrei o rosto no pelo áspero e eriçado dele.

"Grrrr. Por que ele gosta mais de você do que de mim?" minha irmãzinha fez bico. Como ela era a amante oficial dos animais da família, isso provavelmente feriu seu orgulho.

"Bom, ele me conhece há mais tempo, só isso."

Nos conhecemos quando éramos pequenos, na época em que ele foi adotado ainda filhote, e agora ele era um vovô. Nossa amizade já durava uns bons dez anos.

"Ele acordou assim que a Hougetsu entrou pela porta! Deve ter sentido o cheiro dela," minha avó riu. Ela não havia mudado nada desde que eu era criança, o que era impressionante.

Infelizmente, o mesmo não se aplicava ao Gon. Com os anos, ele cresceu mais e mais, e então… envelheceu. Quando éramos pequenos, ele sempre pulava para me cumprimentar assim que eu chegava; às vezes até fazia xixi de tanta empolgação. Hoje em dia, ele estava bem mais tranquilo, claro, mas eu queria acreditar que, no fundo, ele ainda ficava tão animado quanto eu.

Meus avós costumavam ter outro cachorro também, mas ele faleceu há dois anos. Mais tarde, eu pretendia visitar seu túmulo… mas já sabia que, quando chegasse lá, provavelmente voltaria a me questionar sobre aquilo. Havia uma coisa que, por mais que tentasse, eu simplesmente não conseguia lembrar.

"Oh, Hougetsu, você pintou o cabelo de volta!"

"Ai!"

Vovó puxou uma mecha do meu cabelo — pequena, mas ainda assim doeu.

"*Nee-chan* finalmente desistiu de ser uma garota má," minha irmã anunciou. Aparentemente, o simples ato de pintar o cabelo já era suficiente para me rotular como delinquente. *Essas crianças de hoje...*

"Ah, que pena! Você ficava melhor com o cabelo mais claro."

"O quê? Sério?" Ninguém nunca tinha elogiado meu cabelo descolorido, exceto a própria cabeleireira, o que… bem, é claro que ela elogiaria.

"Pode apostar," garantiu minha avó com um sorriso. *É óbvio que ela está mentindo.*

"Oh, então vocês já chegaram! Desculpem a demora, me empolguei na conversa," meu avô chamou ao entrar pela porta da frente.

Então, outro velho entrou logo atrás dele. Esse homem exalava um cheiro tão forte de terra que ficar perto dele quase me fazia engasgar. Seja por nascimento ou exposição ao sol, sua pele tinha um tom bronzeado profundo, que contrastava fortemente com sua barba branca brilhante. Ele usava um turbante azul e roupas tão largas que parecia um viajante do deserto. Sinceramente, eu estava impressionada que ele conseguia suportar o calor com todas aquelas camadas de roupa.

Enquanto isso, minha irmã discretamente se posicionou atrás de mim. Esse homem não era um estranho para nós, mas talvez ela não se lembrasse dele.

"Olha, se não é o Sr. Iwaya!" minha mãe exclamou com a empolgação de uma criança.

O homem sorriu para ela, os olhos se enrugando. "Olá, Yoshika-chan."

"*Yoshika-chan*"?! Nunca na minha vida eu tinha ouvido alguém chamar minha mãe como se ela tivesse cinco anos.

"Que cara é essa?" minha mãe resmungou, percebendo minha reação na hora.

"É que… é estranho. Você não tá meio velha pra isso?"

"Que grosseria! Hougetsu, sua pestinha!"

Minha mãe puxou minha orelha por trás; Gon olhou para ela e latiu furiosamente, o que foi um golpe direto nos meus tímpanos, já que a boca dele estava a poucos centímetros do meu rosto. Foi então que caiu a ficha.

“Hee hee hee!”

Quando percebi que Gon tinha me defendido, fiquei tão surpresa e encantada que comecei a rir baixinho.

“Hmmm…” Minha mãe afastou a mão e a levou ao queixo, pensativa. Quando viu que eu não mordi a isca, ela continuou por conta própria. “Tive uma ideia.”

“O que foi?”

“Não seria fofo te chamar de ‘Houge-choo’?”

De onde ela tirou isso?! “Houge…choooo!”

“Ugh! Para com isso!” Às vezes, eu simplesmente não conseguia entender minha mãe.

Mas quando olhei para cima de novo, os dois velhotes já tinham sumido. “Foram jogar mahjong,” suspirou a vovó ao notar minha expressão confusa. Pelo visto, o vovô ainda era tão livre quanto sempre foi. Nem mesmo uma visita da família conseguia prendê-lo em casa.

Enquanto sorria, avistei a cauda do Gon abanando. Seu pelo já não era mais o mesmo e, em termos de energia, ele mal era uma sombra do que já foi.

“Gon…”

Chamei seu nome novamente e acariciei suas costas. Meu peito parecia estar úmido por dentro, como se meu coração estivesse suando.

Em seguida, todos nós nos dispersamos para deixar nossa bagagem. Deixando Gon para trás, minha irmã e eu fomos para o quarto que nos foi designado, que ficava no segundo andar. Era a primeira porta logo ao lado da escada estreita; supostamente, era o antigo quarto da nossa mãe. Mal havia espaço para a cama, que já não era grande, e o lugar estava uma verdadeira bagunça. Ninguém se importou em arrumar depois que minha mãe se mudou, pelo que parecia.

Bem em frente à cama, havia um armário cheio de revistas velhas da *Shonen Jump*. As portas do armário mostravam o skyline de uma cidade distante; à noite, quando apagávamos as luzes, eu sempre ficava olhando para aquilo debaixo das cobertas e me sentia em paz. Pelo cenário de praia e as palmeiras, talvez fosse para representar um país estrangeiro. De qualquer forma, minha vida comum estava bem distante de qualquer uma daquelas coisas.

“Ugh, eu odeio essa cama pequena.”

Sempre tive que dividir a cama com minha irmã, então talvez não fosse surpresa que ela parecesse encolher a cada ano que passava. A essa altura, minha irmã provavelmente estava crescendo mais do que eu. *Ou será que estou ficando gorda?* Apertei minha barriga por cima da roupa.

“Ficaria maior se você perdesse peso,” minha irmã comentou com ousadia.

“Wa ha ha!” Naturalmente, ela recebeu o que merecia por esse comentário irritante.

“Bleeegh…”

Depois disso, deixei ela rolando no chão e desci as escadas. Quando olhei ao redor procurando o Gon, rapidamente o encontrei em um canto escuro da sala de estar arejada, deitado no chão como se estivesse derrotado. Seus olhos estavam fechados, mas quando me aproximei, ele lentamente levantou a cabeça e me olhou. Acenei, para que soubesse que eu só estava dizendo olá. Ele parecia entender, porque fechou os olhos nde novo — calmamente, como se o grito das cigarras nem o incomodasse.

Parecia que tudo ao redor de Gon havia perdido a cor… como se ele tivesse gasto toda a sua energia apenas comemorando nosso reencontro. *Uau, você deve ter ficado muito feliz em me ver, né? Eu também, amigo. Pelo menos, acho que sim.*

Sentei-me de pernas cruzadas bem ao lado dele, com a boca fechada, segurando a respiração, apenas… compartilhando meu ar com ele. No passado, havia dois cães por aqui, mas agora, com Gon dormindo, não havia mais ninguém para preencher a casa com o som dos latidos. O que faleceu foi adotado antes do Gon chegar, então ele já era mais velho. Mas como o conheci quando ele já era um cão grande, ele não se afeiçoou tanto a mim quanto o Gon.

Quando descobri que ele havia morrido, eu chorei? Isso foi a única coisa que, por mais que eu tentasse, não conseguia lembrar direito. É de se imaginar que houvesse um calor revelador nos meus olhos ou uma dor no meu peito, mas simplesmente… não fazia sentido. Dado esse calor, talvez eu não conseguisse distinguir a diferença entre suor e lágrimas.

"……"

Gon estava ficando mais fraco a cada dia que passava. Quando o vi pela primeira vez no ano passado, comecei a me perguntar se ele aguentaria até este ano. E agora aqui estava eu, me perguntando se ele chegaria até o próximo ano, de novo.

Quando o Gon morrer, eu vou chorar?

Sempre que me fazia essa pergunta, algo escuro e turvo entupia meu peito, me sufocando.

***

Sentia como se tivesse tirado um bilhete de rifa que não ganhou nada. Nos próximos três dias, eu teria zero chance de encontrar a Shimamura na rua. Sem essa possibilidade, minha vida estava tão *sem graça*. A cidade inteira parecia sem cor e morta. Nem queria sair de casa.

Então, em vez disso, fiquei sentada no meu quarto com ar-condicionado, agonizando com o som do relógio que marcava o tempo lentamente. Me curvava para frente sobre a mesa, e, de vez em quando, me endireitava para afastar a inquietação. Três dias eram uma *eternidade...* ou, mais precisamente, três dias *sem a Shimamura* eram uma eternidade. Três dias *com* ela mal duravam um piscar de olhos.

Enquanto o tédio e a frustração me corroíam, ficou muito claro que minha vida inteira girava em torno da Shimamura. Esse fato por si só estava ok, mas… sem ela por perto, era só miséria. Minhas mãos se moviam inquietas enquanto pensava em ligar ou mandar uma mensagem. Mas eu não queria incomodá-la e, além disso, não tinha muito o que dizer.

Meus dias de folga eram sempre extremamente chatos, sem nada de interessante para contar. Passar tempo com a Shimamura era facilmente o

melhor momento da minha vida… mesmo que isso me *fizesse* agir como uma estranha metade do tempo. Difícil dizer se eu estava fazendo algum progresso real.

Me endireitei e olhei para o calendário pendurado na parede. Estava completamente em branco, exceto pela marca que coloquei no dia do retorno da Shimamura. Não sei bem por que me dei ao trabalho de fazer uma marca, sinceramente, já que não era como se fosse esquecer, e ao olhar para ela, meu peito doía, como se alguém estivesse puxando as cordas do meu coração.

Em seguida, comecei a andar de um lado para o outro pelo quarto. Estava tão inquieta que não conseguia ficar parada. Nem sequer tinha se passado um dia inteiro, e já estava desesperada para estar com a Shimamura novamente.

Depois de um tempo, pulei na cama e me sentei de pernas cruzadas. Então, caí para frente e enfiei o rosto no meu cobertor, deixando minha visão ficar completamente escura. Se ao menos eu pudesse passar os três dias nesse vazio perfeito… Fechei os olhos. Mas eu já não gostava mais da cor preta, porque agora sabia que algo lindo estava esperando por mim do outro lado das minhas pálpebras.

Quais cores a Shimamura gostava? Agora que penso nisso, ainda não sabia a resposta para uma das perguntas mais básicas. Meu entendimento sobre a Shimamura ainda estava cheio de lacunas. Mas, felizmente, eu tinha a ambição de preencher essas lacunas uma a uma. Se eu não soubesse algo, tudo o que eu precisava fazer era perguntar.

Tendo pensado em um tópico digno de discussão, peguei meu celular e escrevi uma mensagem que dizia:

"*Qual é a sua cor favorita?*"

De repente, inclinei minha cabeça em confusão. *Espera, por que eu fiz parecer tão formal?* Enquanto aguardava a resposta, coloquei minhas mãos no espaço entre minhas pernas cruzadas e balançava de um lado para o outro. Pouco depois, recebi uma resposta que dizia:

"*Eu gosto de azul e branco, acho?*"

"Ah, uau," murmurei em voz alta. Eu estava esperando que ela dissesse que não tinha uma cor favorita, então isso foi uma surpresa.

Em seguida, pensei na aparência do cabelo dela, descolorido. Ela realmente arrasava nesse estilo... Me xinguei mentalmente por não ter tirado mais fotos dela enquanto eu tinha a chance. Mas, claro, ela ainda ficava ótima com o cabelo natural, então decidi que tiraria uma selfie com ela assim que ela voltasse para casa.

Ahem. Enfim, azul e branco, né?

Abri meu armário para olhar minhas roupas, mas eu não tinha muito em termos de azul e quase nada de branco. Claramente, eu precisaria fazer compras. Mas, se eu comprasse roupas nas cores favoritas da Shimamura, talvez a gente acabasse combinando por acaso... Será que ela lembraria que eu perguntei e perceberia que eu estava fazendo isso de propósito? Isso a deixaria incomodada?

Talvez eu pudesse dizer que essas também são minhas cores favoritas. Eu nem comprei as roupas ainda e já estava ficando nervosa. *Deus, sou um caso perdido.*

Quanto à roupa de baixo, provavelmente eu não precisaria me preocupar com as cores. Não é como se ela fosse ter a oportunidade de vê-las... certo...? O pensamento fez meu cérebro ficar meio turvo, e eu senti uma vontade repentina de socar meu rosto na porta do armário. Em vez disso, pressionei minha testa contra ela e me esfreguei até a pele doer.

Depois de me acalmar, puxei o maiô que estava dobrado na beirada da prateleira. Até agora, eu só tinha usado uma vez, mas... *Talvez eu devesse comprar outro...?* Algo me dizia que eu não teria outra oportunidade de nadar com a Shimamura neste verão, mas... ainda assim...

Olhei para a metade inferior do calendário. As férias de verão estavam só na metade, e o verão era chamado de "temporada de maiôs" por uma razão. Não dava para saber onde as coisas poderiam levar. Então, comecei a pensar que talvez não fizesse mal estar preparada.

Felizmente para mim, eu tinha bastante dinheiro sobrando, graças ao meu emprego de meio período. Eu tinha começado a trabalhar lá como uma forma de passar o tempo, e, neste ponto, já tinha economizado uma boa quantia, mas ainda não tinha nada em mente para gastar. Eu não tinha hobbies e nada com o que eu realmente quisesse guardar dinheiro. Mas, ultimamente, comecei a entender que essa era *precisamente* a situação em que esse dinheiro seria útil. Realmente parecia que eu estava gastando com sabedoria, sabe? Sim, essa foi uma experiência muito educativa. Provavelmente.

Por coincidência, eu estava escalada para trabalhar hoje. Quando chegou a hora, saí de casa com a roupa que já estava usando. Assim que saí para fora, fui recebida pelo zumbido das cigarras, embora hoje estivesse um pouco mais suave. O verão já passara do seu auge.

A primeira metade me sobrecarregou com seu calor, tanto físico quanto emocional... então, o que me esperava na segunda metade?

Pedalei minha bicicleta, suando miseravelmente até que finalmente cheguei ao restaurante chinês. Mas, ao chegar lá, percebi que o nome do lugar havia mudado. Agora, havia uma placa velha e *diferente* pendurada na entrada. Mesmo assim, nada do interior, da comida ou da equipe tinha mudado, então não via muito sentido nisso. Talvez tivesse algum aspecto de *feng shui* que eu não estava entendendo. De qualquer forma, aquilo me dava uma sensação ruim. Negócios que precisavam recorrer a truques baratos estavam destinados a falir.

(Nota: Feng Shui é uma técnica chinesa milenar que visa harmonizar os ambientes da casa. O objetivo é criar um espaço mais equilibrado, atrair boas energias e eliminar as negativas.)

Entrei pela porta lateral e depois fui até o escritório, que tinha sido transformado em vestiário, para me trocar. Só então percebi: meu *cheongsam* era azul. Talvez fosse por isso que a Shimamura parecia gostar dele.

Puxando a barra, saí para a área de refeições, e minha gerente logo veio até mim, seguida por uma garota que eu não reconhecia.

“Nova contratada, só para as férias de verão. Você ensina ela, tá?”

Enquanto a gerente falava, a garota deu um passo à frente. Como ela era jovem, naturalmente, colocaram nela um *cheongsam* igual ao meu, só que o dela era vermelho, com flores de ameixeira bordadas. E, ao contrário de mim, ela não parecia envergonhada de usá-lo — talvez ela tivesse abraçado a rara oportunidade de vestir esse tipo de vestido. Ah, e as pernas dela eram *ridiculamente* longas.

"Prazer em te conhecer, Senpai."

"Uhhh... claro."

Até agora, todos os meus colegas de trabalho eram mais velhos que eu. Mas em algum momento, todos eles saíram, ou... foram transferidos para outro restaurante, acho. Esses restaurantes gerenciados por taiwaneses tinham uma amizade entre si, então isso acontecia o tempo todo, e nós, meros funcionários, nunca tínhamos muita voz na questão. *Espera, mas por que contratariam uma nova pessoa se mal estamos ocupados? Ou será que estou só paranoica por causa da mudança no nome?*

Nem que eu realmente precisasse desse trabalho. Já tinha economizado o suficiente de "dinheiro da Shimamura" para me virar por um tempo.

"Ei, ei."

Minha nova quase-discípula me chamou, então a olhei com uma expressão interrogativa, e ela sorriu. Agora que alguém mais estava usando um *cheongsam* comigo, percebi o quão chamativo o tecido brilhante realmente era.

"Você não parece muito que está comando. Você é mais nova que eu?"

Aparentemente, ela assumiu que a resposta era sim, porque já tinha deixado de lado toda a formalidade. Então, não respondi... e mesmo assim, ela se recusou a sair do meu lado.

"Hmmm..." A “novata” colocou a mão no queixo e inclinou a cabeça pensativamente, e eu senti meus pelos se arrepiarem. "Sabe, garota, acho que te conheço de algum lugar."

Se eu tivesse escolhido ter essa conversa, talvez isso levasse a uma história completamente diferente. Se eu tivesse prestado atenção na pessoa na minha frente, talvez algo teria brotado. Mas eu não precisava de nada disso.

"Pois é, mas eu não te conheço."

Cortei a conversa e fui embora. Talvez ela só estivesse tentando ser amigável, mas para mim, parecia *insistente* — o oposto do silêncio confortável que eu costumava ter com a Shimamura. Mas a Shimamura também era bem amigável comigo, então o que tinha de diferente? Fiquei refletindo sobre isso entre os atendimentos.

Naturalmente, quanto mais eu pensava na Shimamura, mais distraída eu ficava. Minha imaginação saía de controle, e por mais que eu tentasse me convencer de que não deveria andar por aí sorrindo feito uma idiota, isso só fazia eu pensar nela ainda mais. Era um ciclo vicioso, como dizem. Mas, ei, pelo menos eu me sentia ótima.

Havia um fogo dentro de mim que queimava mais quente do que qualquer ar condicionado poderia esfriar. Era difícil apontar exatamente qual era a raiz da questão — na verdade, se eu o fizesse, talvez estragasse tudo. Mas de alguma forma, eu podia sentir isso no meu âmago: a Shimamura era a única para mim.

***

Sempre que íamos à casa da vovó e do vovô, comíamos a mesma coisa no jantar: costeletas de porco e frango, adoradas pelas crianças japonesas em todo lugar. Uma montanha delas, na verdade — e não podia faltar o molho de missô por cima, nossa tradição local. Só de ver aquilo, já era o suficiente para me transportar de volta à infância. Mas, na realidade, eu já era mais alta que a vovó sentada à minha frente.

Minha irmã e eu juntamos as mãos para a oração, e quando as baixamos, minha mãe já tinha começado a comer. Ela despejou uma tonelada de missô e devorou a comida como uma criança. Mas quando ela sorriu para a vovó, eu me lembrei: ela *era* filha deles. Passou toda a sua infância bem ali, nessa casa.

“Ahh, adoro voltar para casa. Assim, não preciso cozinhar,” minha mãe se vangloriou.

“Ei!” a vovó retrucou. “Deixa um pouco para as crianças!”

“Relaxa, vovó.” Honestamente, havia tanta comida na mesa que eu já sabia que teríamos sobras para o almoço de amanhã.

“Podemos sempre fazer mais,” o vovô concordou. A isso, todos balançamos a cabeça, incluindo meu pai, que mal comia direito.

Se Yashiro estivesse aqui, provavelmente conseguiria devorar uma quantidade sobre-humana dessa comida... Será que ela estava se virando sozinha sem a gente? Ela não teria invadido nossa casa depois que saímos, né? Senti a necessidade de ficar de olho nela... por vários motivos. Talvez ela já fosse o “animal de estimação” da família Shimamura na minha cabeça.

Enquanto despejava o molho de missô sobre minhas costeletas, meus olhos se desviaram para Gon, que estava deitado no canto da cozinha, mordiscando um pouco de pão que a vovó havia esfarelado para ele. A quantidade era tão pequena que poderia ser confundida com ração de passarinho, e ele comia de maneira relutante, como se estivesse cansado demais para mastigar. No passado, ele devorava qualquer coisa que lhe dessem e pedia mais... Pensando bem, ele até me lembrava um pouco a Adachi.

Claro, Adachi não era tão irritante assim. Bem, exceto quando ela surtou comigo no outro dia. Ela ficou tagarelando sem parar, e eu não consegui entender remotamente o que ela estava tentando expressar — e ela estava tão emocional que nem ousei pedir para ela repetir tudo de novo — então eu acabei simplesmente... desligando o telefone na cara dela. Ela estava chorando tanto, e todas as palavras dela se misturavam, eu mal conseguia compreender alguma coisa.

Do *meu* ponto de vista, parecia como:

"Eu... eu num... eu num que... num que que wocê... que wocê se divirt... sem mim! Ou... ou segure a mão... a mão dela... dela — não! Só... só a minha! Eu... eu... eu que wocê comigo! Eu... eu queria levar wocê! Pro westival! Eu mesma! Eu — eu — eu queria tá lá! Eu queria — enquanto wocê sorria e... e... e... se divertia! Eu... era isso! Isso que eu... que eu... Eu — eu num... num consigo! Minha cabeça... dói... dói tanto... por que eu... só penso... penso... e... e... eu fico louca... e—e... e — e... eu... eu esperei! Eu esperei wocê! Me chamar... por quê? Por que wocê nunca — nunca... nunca me liga? Nunca fala comigo... nunca... nunca iwicia a wonversa? Sempre — sempre tem que ser — ser eu? Eu — eu... wocê... wocê num... num liga? Nem um pouquinho? Nadinha? Eu — eu — somos só amigas?! Só am... am... amigas normais?! Eu... eu... num... num que... num que ser... só... só isso... Eu... eu que mais! Mais! Mais que isso, Shimamura! O que... o que wocê que... que que eu faça?! Hein?! Shimamu... Shimamura?! Tá ouvino? Ouvino?! O... o que... o que wocê sinte? Quando ouve... ouve minha... minha voz?! O — wocê sente? Sente? Alguma coisa? Alguma coisa, por favor...! Eu que... que que wocê sinte... sente... sente qualquer coisa! Qualquer coisa! Até... até... conforto! Isso é tão errado?! Errado, Shimamura?! Por quê? Por quê?! Porque... porque é wocê! É wocê que eu quero! Eu num... num que... ninguém mais! Num preciso! Num preciso de ninguém! Só... só wocê! Isso... isso é egoísmo? Egoísmo?! Eu... só qué... só que um pouco... só um pouco mais! Só um! Eu num... num me importo com mais... mais ninguém... ninguém... só wocê! Então... então... por quê?! Vem! Vem me ver! Fica! Fica comigo! Num vai... num vai imbora! Eu... num que... num que que... ninguém... ninguém mais... só eu! Só eu, Shimamura! Só eu! Me deixa! Me deixa, por favor...! Quem... quem é ewa?! Eu... num conheço! Eu... num que... num que que wocê... que wocê mude! Num que que wocê suma... que wocê... que wocê suma de mim! Eu... eu que sawe! Eu quewo sawer tudo! Eu num que que wocê me esconda! Eu odeio... odeio wun sawer! Porque... porque dói! Dói! Dói,

Shimamura! Dói tanto! Tanto! Eu... eu... eu num consigo... num consigo... eu... eu te chawaria! Te chawaria pra sawr! Mas — mas — mas — mas eu qur... eu que lewar wocê... wocê no festival! Mas wocê... wocê foi! Foi com ewa! Com ewa! Onde?! Onde wocê tá?! Tá com ela?! Wocê tá com ela, Shimamura?! Tá ouvino?! Tá ouvino ou... ou eu tô falando sozinha?! Wocê... wocê nunca... nunca... nunca wica cawada assim! Nunca! O que — o que mudou?! O que... o que mudou?! Eu?! Eu mudei?! Eu... eu num... num sei... mas eu... eu quewo sawer... Eu quwo sawer! Eu quewo sawer, Shimamura! Eu quewo sawer tudo! Eu num quwo fiwa longe! Num quewo fiwa longe! Eu... eu sinto sua walta! Mas se... se... se eu te wisse... se eu te wisse awora... eu... eu acho que ia chowar! Eu já... já wô chowando! Eu... eu fico pensando... fico pensando nela! Nela! Quem ewa é? O que ewa é? O que ewa é pra wocê? Wocê... wocê inda tá ouvino?! Wocê preferia... preferia tá com ewa?! Com ewa do que cowigo?! Eu num sou woa? Num sou? Num sou woa? Eu... eu posso... posso... mudar! Só me wala! Me wala! Eu posso wudar! Eu conserwo! Conserwo, eu wuro! Então... então só me fawa... me fawa, por wavor... Eu... eu quewo sawer... Eu... eu só quewo wocê... Eu só quewo wocê, Shimamura... só wocê... só wocê...! Eu num quero mais nada... nada... só... só... só wocê... wocê..."

Sem surpresa, parecia que alguém estava despejando mingau cozido demais diretamente no meu ouvido. Mesmo assim, pensando bem, eu poderia ter sido um pouco mais gentil quanto a isso... Talvez eu devesse ter criado coragem e pedido para ela repetir, afinal.

“Hmmm…”

Refleti enquanto mastigava um pedaço de frango. Seria constrangedor tocar nesse assunto de novo, então a opção mais segura provavelmente seria apenas esquecer que aconteceu. Mas algo me dizia que, se eu procrastinasse nesse problema em vez de realmente resolvê-lo, ele voltaria para me atormentar mais tarde. Meio como procrastinar com o dever de casa.

Logo, as férias de verão acabariam e o segundo semestre iniciaria. Provavelmente, eu passaria o resto do ano na sala de aula em vez de me esconder no segundo andar do ginásio... E se eu tivesse que adivinhar, Adachi também passaria.

“*Nee-chan*, você está fazendo um oceano de missô.”

“Hã?” Nesse momento, olhei para o meu prato e encontrei minhas costeletas submersas em um pântano de molho. “Minha nossa!” Me apressei em resgatar cada uma, mas já era tarde. A crosta crocante delas estava completamente encharcada.

“Ha ha!” Minha mãe riu como uma criança, apontando para mim com seus hashis e espirrando montes de missô por todo lado.

“Ugh. Me lembre de não crescer e me tornar igual a você.”

“Por favor, você não conseguiria ser como eu, mesmo se tentasse.”

Eu não estava nem um pouco irritada — apenas surpresa por estarmos brigando de repente.

“Ah, isso me lembra, mãe, como está seu joelho? Você disse que estava doendo, né?” Ela perguntou para a vovó, com o queixo sujo de missô. Eu não tinha ouvido nada sobre isso, então não sabia o que exatamente a fez lembrar.

Todos olharam para a vovó, que mastigava o frango e assentiu. “Já melhorou,” ela respondeu secamente.

“É mesmo?”

“Quando você chega na minha idade, sempre tem alguma parte do corpo quebrada,” ela respondeu de maneira displicente, como se estivesse evitando o assunto.

Nesse momento, olhei para o Gon, com seu olho esquerdo leitoso fixo no vazio, no canto da cozinha. Para mim, parecia que *cada* parte dele estava em mau estado. Espero que ele não esteja sentindo dor, pelo menos.

O que Gon buscava no mundo, agora que sua liberdade estava lentamente sendo arrancada dele? Paz? Liberação? Ou… algo mais otimista?

“Ugh… Muito salgado.” Sem surpresa, o excesso de molho havia tornado os filés quase impossíveis de comer… e eu ainda tinha um oceano inteiro de molho de missô no meu prato.

“Melhor comer tudo! Melhor não deixar nada! Melhor lamber o prato se for necessário!”

Acontece que eu realmente não gostava de colher o que eu havia semeado.

***

Eu coloquei meu novo maiô e meu celular lado a lado. Não, isso ainda não fazia muito sentido. Olhei para os dois em sequência. *Devo mostrar para a Shimamura e perguntar o que ela acha? Parece estúpido. Tipo, muito estúpido.* Felizmente, o fato de eu perceber isso antes de tomar uma atitude significava que meu cérebro ainda estava funcionando bem hoje… e, ainda assim, eu queria saber a opinião dela.

Na verdade, eu não precisava perguntar diretamente; eu sempre poderia arranjar uma oportunidade para usá-lo e descobrir o que ela achava. *Devo*

convidá-la para algum lugar? Me inclinei para frente, ficando bem perto do celular. Só porque já fomos à piscina uma vez não significava que não podíamos ir novamente. Ou eu poderia convidá-la para outro lugar. Eu tinha várias opções de lugares para levar ela. Um festival de verão, o aquário, o planetário...

Quando meus pais me levaram a esses lugares, aprendi bastante, mas tinha dificuldade em expressar meus sentimentos. Dessa vez, no entanto, eu estava confiante de que poderia ser mais aberta com minhas emoções. Enquanto estivesse com a Shimamura, qualquer lugar que fôssemos teria valor.

Então, vamos ligar para ela, disse para mim mesma, forçando minha hesitação. Se eu continuar duvidando, vou perder outra oportunidade.

Eu ainda não tinha esquecido a noite em que a vi passar. A memória fazia um calor escuro subir aos meus olhos. Aquela noite no festival de verão, Shimamura estava andando lado a lado com outra garota, sorrindo para ela…

Quem *era* ela, afinal? Eu queria saber, mas não queria que a Shimamura me contasse. Não queria ouvir sobre as outras amizades dela; as palavras seriam como ferro quente nos meus tímpanos, e eu perderia qualquer compostura que estivesse mantendo minhas emoções seguras sob a superfície da água. Se eu explodisse com ela como da última vez, ela provavelmente cortaria os laços comigo de vez... e isso era a única coisa que eu não conseguiria suportar.

Assim, eu precisava me controlar. Mas toda vez que pensava na Shimamura ou encontrava ela, eu podia sentir os níveis da água subindo, ondas quebrando como um oceano descontrolado, representando a tempestade no meu coração. Eu não podia perder o controle, e ainda assim, me distanciar não era a resposta certa também. Mas eu não tinha a experiência necessária para saber como avaliar essas coisas só de olhar. Objetivamente falando, eu era imatura… e essa imaturidade estava me impulsionando para o dia marcado no meu calendário.

Faltavam apenas três dias... O que será que a Shimamura estava fazendo agora, lá do outro lado do calendário? Eu queria ouvir a voz dela. Queria me conectar com ela, nem que fosse só por telefone. Pelo menos assim eu poderia ter certeza de que ela estava pensando em mim.

A paixão superou o medo, e eu peguei meu celular. Mas não queria ligar para ela do nada, então decidi pedir permissão com uma mensagem rápida:

“*Posso te ligar?*”

...Sério, por que eu sempre era tão formal?

***

"A questão é que estou na casa do meu avô. Em uma cidade ainda menor, pode acreditar."

"Aah, entendi. Esqueci que era isso que você sempre faz no Festival Bon."

Finalmente, o sol havia se posto misericordiosamente abaixo do horizonte, deixando para trás uma noite cheia de cigarras cantando. Eu caminhava por essa paisagem sonora sombreada enquanto conversava com a Tarumi pelo telefone. Ela me convidou para sair amanhã, mas, obviamente, eu tive que recusar. Isso pareceu de alguma forma lembrá-la do passado.

"Eu sinto que você costumava me trazer lembrancinhas também..."

"Eu fazia isso?"

"Uhhhh... Talvez não? Não é como se nossa prefeitura tivesse produtos típicos, acho."

"Claro que tem! Temos caquis, peixe doce e... *kurikinton*...?" Essa prefeitura é minha casa, mas eu só tinha uma visão de forasteiro sobre ela.

Eu me agachei na frente da casinha do cachorro. A casa do vovô era pequena e as paredes eram finas, então eu escolhi atender a ligação lá fora. Isso realmente me fez perceber o quanto os celulares são úteis... *Ótimo, agora estou parecendo uma pessoa velha.*

"Eu juro, não tem nada de bom na nossa cidade... Shima-chan, você nunca pensou em se mudar para a cidade grande?"

"Hmmm..."

"Sabe, se inscrever em uma faculdade em Tóquio? Ou até mesmo uma faculdade em Nagoya!"

Pela tonalidade dela e pela escolha de palavras, Tarumi queria sair do interior. Mas... será que uma cidade diferente seria realmente muito melhor?

Sempre agiram como se as cidades grandes fossem superiores por algum motivo. Algumas das pessoas mais velhas com quem eu costumava brincar foram para Tóquio e nunca mais voltaram. Talvez Tarumi visse o mesmo apelo que eles viam.

"Não, nunca pensei nisso. Nem sei se vou para a faculdade," respondi honestamente.

"QUÊ?!" veio a resposta surpresa. "Sério? Você vai só arranjar um EMPREGO?"

A voz dela ficou mais alta nesse momento — será que era tão difícil de acreditar? Eu não tinha motivação para estudar por mais quatro anos. Minha mãe só ia me dizer para não ir.

"Sim, se eu conseguir encontrar um, de qualquer forma. E eu acho que prefiro ficar aqui."

Talvez eu pudesse trabalhar em uma padaria local. Eu gostava de pão e tinha algumas conexões... Claro, talvez não fosse tão simples. Mas eu não conseguia pensar em um emprego que eu realmente *quisesse*. Não tinha perspectivas.

Estava escuro demais para ver dentro da casinha do cachorro. Ninguém morava lá mais.

"Hmmm. Uau... Bem, ok."

A voz dela parecia procurar ao meu redor, como um animal selvagem se aproximando timidamente de algo que não conhecia. Quando ela me identificasse pelo cheiro, como ela reagiria...? Decidi mudar de assunto antes de descobrir.

"Então, essa foi sua forma de pedir uma lembrancinha?"

"Huh? Não, não, nada disso. De jeito nenhum... Mas, quer dizer, ei, se você quisesse me dar algo..." Ela deixou a frase no ar, rindo. *Sim, ela está tentando dar uma de espertinha.*

Casualmente, coloquei a mão na casinha do cachorro. Na escuridão, algo parecia estranho sobre o cobertor que toquei, então o peguei e o puxei para fora. Eu esperava algo rígido e áspero, mas, em vez disso, estava macio. Aproximando-o do meu rosto, percebi.

Era um cobertor antigo, turquesa, que eu havia comprado há muito tempo. Mas, em contraste com a casinha do cachorro suja, ele estava *limpo*. Alguém havia lavado esse cobertor e o trouxe de volta aqui — de volta para uma casa que perdeu seu único morador.

Por um momento, não consegui falar. Reflexivamente, procurei minha avó além da escuridão.

"Shima-chan?"

"Oh, uhh, não é nada. Se eu encontrar uma lembrancinha legal, levo pra você," falei apressadamente.

"Não, não, não precisa! Quero dizer... você sabe... não é sobre a lembrança. É sobre você," ela respondeu rapidamente, na mesma velocidade.

"O que você quer dizer?"

"Bem... Eu quero te ver de novo, só isso. Você é tudo o que eu realmente... *preciso*, eu acho? Uhh, acho que falei demais. Sim, definitivamente falei demais!"

Enquanto absorvia apenas fragmentos da prolongada desculpa de Tarumi, coloquei o cobertor de volta em seu lugar. Isso é o que significa “sentir-se sentimental”? O ar frio invadiu o buraco vazio no meu peito, e doeu.

"Acho que só vou complicar ainda mais as coisas desse jeito, então, hmm... tô indo, tchau!" Tarumi anunciou animadamente, embora não parecesse ser algo para ela estar animada.

"Não tenho certeza se entendi, mas tudo bem."

"Vamos nos encontrar de novo quando você voltar para a cidade, Shima-chan!"

"Tá bom!" E com isso, terminei a ligação imediatamente.

Então, dez segundos depois, recebi uma e-mail da Adachi: "*Posso te ligar?*"

"Meu Deus, estou tão popular," falei comigo mesma.

"Adachi sempre pedia permissão primeiro. Embora *parecesse* cansativo ter que pedir antes de cada ligação, eu podia apreciar o esforço para ser educada e atenciosa. Isso dizia muito sobre o caráter dela.

"*Sim, senhora*," respondi, e sem perder o ritmo, meu telefone tocou. Foi bem fofo. Eu conseguia imaginar ela sentada de pernas cruzadas na cama, esperando pacientemente.

"Oi, oi!"

"Alô?"

De alguma forma, a ordem parecia invertida.

"Shimamura?"

"Oi, oi!" repeti, mais alto e por mais tempo desta vez. Eu podia ouvir o som de algum inseto que eu não reconhecia.

"Uhh... você está de bom humor ou algo assim?"

"Não muito. Eu só estava conversando por um tempo já, então acho que já entrei no clima? Eu estava no telefone com outra amiga agora há pouco."

Eu decidi ser honesta com ela. Será que ela ficaria chateada de novo? Para ser sincera, às vezes ela podia ser um verdadeiro problema. Não que eu fosse perfeita nas questões sociais, mas cara, ela parecia ser ainda pior que eu. Ela parecia *desesperada* para fazer nossa amizade funcionar, e eu estava um pouco curiosa para saber o porquê... mas eu sabia que se perguntasse, as coisas provavelmente iam ficar bagunçadas de novo. Então, em vez disso, deixei pra lá. Mas talvez tenha sido por isso que ela explodiu da última vez — porque eu nunca dei a oportunidade dela se explicar.

Nossa amizade era complicada, mas talvez isso fosse esperado, já que uma de nós era um verdadeiro enigma.

"Hggghh..."

Era o som de algo sendo inalado — Adachi estava respirando fundo, eu acho. Parecia que ela estava segurando algo.

"Então... c-como você está aí?" A voz dela estava dura, mas ela estava tentando continuar a conversa. Não era muito natural, mas definitivamente uma melhoria.

"O que você quer dizer?"

"Você está...revivendo velhas memórias, ou...aproveitando o ar fresco, ou algo assim? Eu não saberia como é aí."

“Ah… Sim, eu estive pensando no passado, eu acho,” menti. Então, eu fugi do que estava escondido do outro lado da mentira. “Como foi o seu dia hoje?”

“O meu? Bem, eu fui trabalhar…”

“Uau, que responsável.”

“E aí, no caminho de volta pra casa, comprei um maiô.”

“Maiô? Você já não tem um?” Eu me lembrei da nossa ida à piscina e do maiô clássico dela, de uma peça só.

“Tenho, mas... eu pensei que deveria ter um extra, caso precisasse.”

“Ah, interessante. Vai à praia ou algo assim?”

Ela já estava um pouco velha para ir com os pais, embora não fosse algo que ela faria.

“Bem, é… uh… s-sim, com certeza. Com você.”

“O quê? Que engraçado, não lembro de termos feito planos para ir à praia.”

“Não, é que eu estava… pensando que seria legal ir com você algum dia! Que tal?!”

O convite dela foi tão agressivo que ela praticamente mordeu minha orelha. Me pegou completamente de surpresa. A voz dela estava toda tremida e desafinada também… *Bem a cara da Adachi, eu acho.*

“Quero dizer, sim, seria legal. Mas a gente não está nem perto do mar.”

“Uhhh… o-ok, então, o rio!”

“Não sei não. É perigoso brincar no rio.”

Foi o que uma certa *pessoa* me disse depois que ela escorregou e cortou a cabeça em uma pedra no leito do rio.

“Ok, então, uhhh… um lago…?”

Se eu dissesse não, tinha a impressão de que ela me convidaria para um pântano depois. Aparentemente, ela *realmente* queria ir a algum lugar com água. Talvez ela aceitasse um banho público só para poder exibir seu novo maiô… Será que ele era realmente *tão* bonito? Agora fiquei curiosa.

“Ei, você deveria me mandar uma foto.”

“O quê? Uma foto de quê?”

“Do seu maiô!” Eu provoquei.

“Pra quê…?” ela murmurou. Mas eu podia ouvir a voz dela se afastando, então claramente ela havia decidido ceder. *Bem, isso foi fácil.* Talvez ela *realmente* quisesse mostrar seu maiô bonitinho. Eu abaixei o celular da minha orelha enquanto esperava, e claro, logo recebi uma mensagem com uma imagem anexada.

Era uma foto do maiô sobre a cama dela. A propósito, era o meu tom favorito de azul. *Hmmm. Não estava errado, exatamente, mas não era o que eu queria.*

“Eu quero ver você *usando* ele, bobinha.”

“P-por quê? Pra quê?”

“Tenta de novo, por favor.”

Ignorei e repeti o meu pedido. Eu não tinha uma resposta para a pergunta dela; eu só queria ver a sua reação, só isso. Eu não tinha um espelho comigo, mas podia sentir meu sorriso travesso. Enquanto esperava em silêncio, como uma verdadeira tirana, ouvi ela se afastar do telefone.

Ela havia decidido ceder, parte dois.

Por algum motivo, eu estava realmente ansiosa para ver o que ela me enviaria… e, claro, atendeu todas as minhas expectativas.

“Ha ha!”

O rosto dela era muito mais interessante do que o maiô — ela estava tentando sorrir, mas a vergonha claramente havia vencido. Os lábios dela estavam congelados no lugar, a franja suada e grudada na testa, e os olhos dela gritavam: “Socorro!” O braço esquerdo estava estendido na tradicional posição de selfie, mas como ela estava curvada, parecia que estava fazendo uma pose de super-heroína. Era uma imagem estática, mas eu podia praticamente vê-la tremendo da cabeça aos pés.

“Ha ha ha ha! Obrigada.”

Eu podia ouvir algum tipo de som abafado do outro lado da linha, como se ela estivesse batendo em um travesseiro ou algo assim.

“Bem chamativo, tenho que admitir.”

Mais batidas. O pensamento de que ela estava socando o travesseiro enquanto *usava o maiô* de alguma forma ficou ainda mais engraçado.

“Então, onde você quer usar seu novo maiô? Na praia? No rio? No pântano?” insisti, de forma travessa.

Ela respondeu, hesitante: “…No banho público.”

Sério? Eu imaginei e comecei a rir. “Ok, então, vamos quando eu voltar.”

O banho público *não era*, geralmente, o tipo de lugar que duas garotas adolescentes frequentariam. Mas por um momento, pensei comigo mesma: talvez fosse exatamente essa quebra de normas sociais que me mantinha voltando para ela.

Depois disso, continuamos a conversar de forma descontraída por mais um tempo. Curiosamente, a conversa estava realmente divertida, desta vez. Mas

eventualmente, comecei a ficar com sede, e quando o som dos insetos mudou para o dos pássaros, decidi pôr um ponto final.

“Durma bem, Adachi.” Surpreendentemente, minha voz estava suave e gentil. Tão gentil que, de fato, me assustou.

“Oh, é… b-bom noite, Shimamura-san.”

Ela me tratou de forma formal, por algum motivo. No mesmo momento, eu incline a cabeça em resposta. Então desliguei o telefone e soltei um suspiro.

Então ela comprou um maiô, né? Fiquei maravilhada com os passos que ela estava dando para melhorar. Durante o dia todo, eu me peguei pensando nela aqui e ali, mas com certeza não esperava por *isso*.

Do outro lado do calendário, o tempo estava passando, e as coisas estavam mudando. Mesmo quando eu não estava olhando, a vida continuava — nascimentos, mortes, encontros inesperados. Em algum lugar do mundo, alguém estava enfrentando um grande problema; em algum lugar do mundo, moinhos de vento estavam girando; em algum lugar do mundo, alguém acabara de comprar um refrigerante em uma máquina de vendas; em algum lugar do mundo, criaturas marinhas profundas estavam prosperando.

Mudando, criando, preenchendo, envelhecendo, murchando, desvanecendo. Mas eu realmente não entendia tudo isso. Eu ainda era tão inocente e ignorante quanto quando era criança.

Apoiei os braços sobre os joelhos dobrados e enterrei o rosto, ouvindo os sons suaves da minha própria respiração. Mas, por mais que tentasse, não conseguia encontrar a sobreposição entre eu mesma e a criança que se agachava na frente dessa mesma casinha de cachorro todos aqueles anos atrás. Não importava quanto tempo eu ficasse aqui, nenhuma lágrima jamais cairia.

Nesse momento, ouvi um barulho e olhei para cima. A pressão contra meus olhos tinha deixado minha visão embaçada, borrando a escuridão já indistinta.

Eu havia recebido uma mensagem da Adachi. Mais uma vez, era apenas um único emoji de coração.

“Isso faz parte da rotina dela agora…?”

Debati se deveria responder, mas acabei decidindo enviar um coração de volta. *Meu coração está com você, Adachi!* Brinquei comigo mesma, apertando o peito de forma descontraída. Mas eu já estava bem sem coração, então não podia me dar ao luxo de enviar muito mais.

Voltei a pensar na imensidão de missô que comemos no jantar. A vida provavelmente seria muito mais dolorosa se meu coração fosse todo derretido assim. Mas, por ter evitado esse tipo de confronto, provavelmente eu era realmente frágil. Meu coração e meu corpo estavam desconectados, e agora eu era incapaz de perceber qualquer mudança.

Abaixei o telefone, olhei para a casinha de cachorro vazia e me deixei envolver pela tranquilidade do campo. E enquanto ouvia o zunido de uma bicicleta à distância, pensei na paisagem urbana no antigo armário da minha mãe.